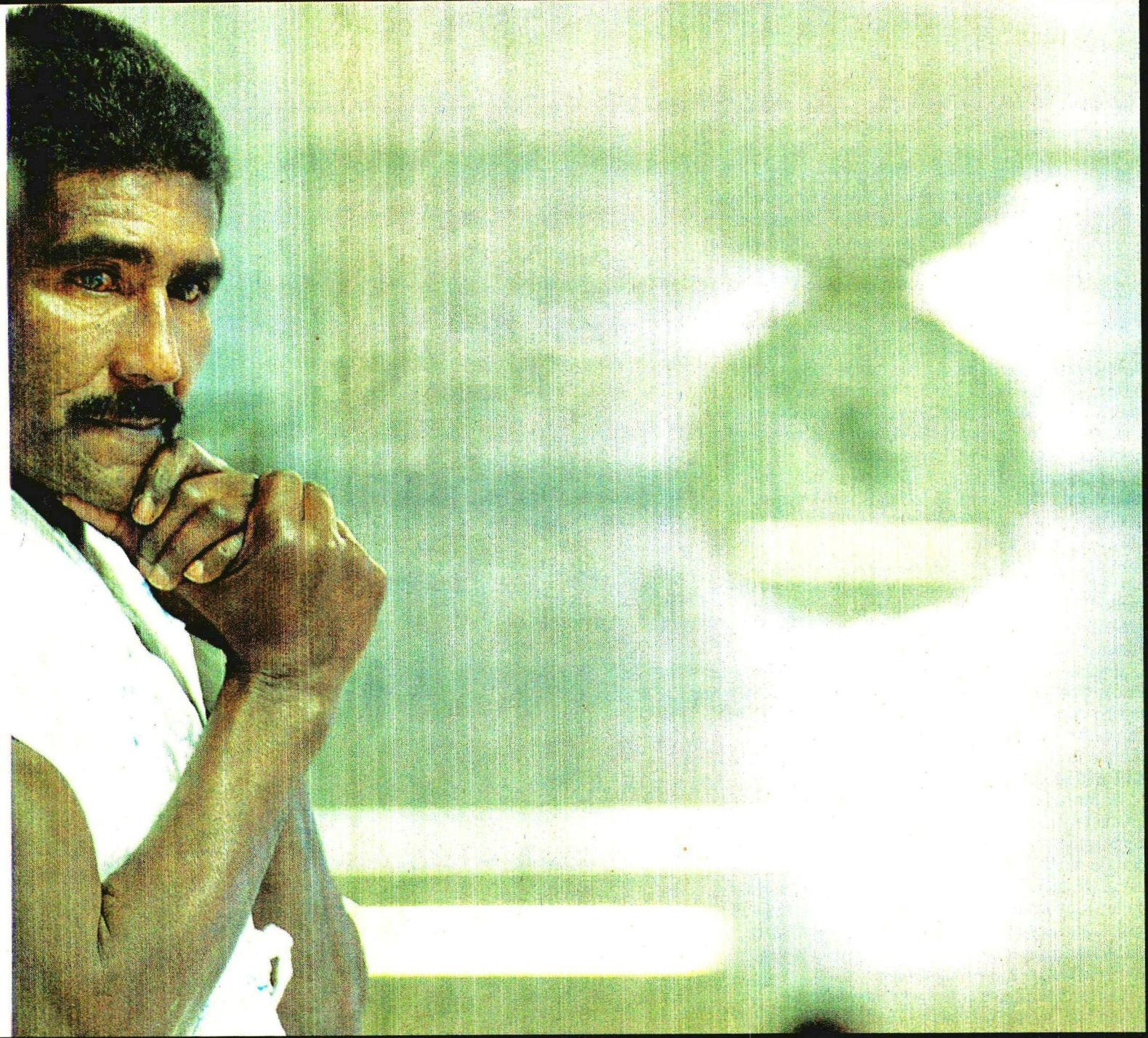


De tempos em tempos, pacientes são abandonados pelos familiares em hospitais públicos do DF. Só no Hran, é registrado um caso por mês. Internação prolongada resulta em gastos extras para o Estado

Daniel Ferreira/CB



ANTÔNIO MARIANO ESTÁ HÁ 20 DIAS NO HRAN E NUNCA RECEBEU QUALQUER VISITA: SEM NOTÍCIAS DOS PARENTES HÁ 12 ANOS, OS ÚNICOS TELEFONEMAS QUE RECEBE SÃO DOS VIZINHOS RESPONSÁVEIS POR VIGIAR O SEU BARRACO

E ninguém voltou para buscá-los

ANDRÉ BEZERRA
DA EQUIPE DO CORREIO

Em condições normais, o processo de internação em um hospital segue uma lógica simples. As pessoas dão entrada nas enfermarias, passam por tratamento, cirurgia ou outros procedimentos clínicos até alcançar a cura ou uma melhora que lhes permita voltar para casa. No entanto, fatores sociais podem causar um fenômeno inverso, que se torna cada vez mais perceptível. Alguns pacientes, por falta de apoio familiar ou condições socioeconômicas, acabam permanecendo nos hospitais. Diferentes motivos levam famílias a abandonar parentes nas alas de internação, e o problema atrapalha a rotina das unidades de saúde. Reflexo da contrastante realidade brasileira, a situação é registrada em quase todos os hospitais da rede pública do Distrito Federal.

Não existem estatísticas oficiais sobre os pacientes abandonados, que são chamados pelos sociólogos de casos sociais. Mas as autoridades e profissionais da

área de saúde conhecem bem a dimensão do problema. Pessoas que não contam com o apoio da família por vezes ficam internadas por mais tempo do que o necessário, e acarretam gastos adicionais para o Estado. Outra consequência é a ocupação de leitos que poderiam ser oferecidos a pacientes em estado mais grave. No DF, muitos enfermos nessa situação já foram atendidos pelos hospitais públicos. Em geral, os principais atingidos são os idosos, mas também é comum encontrar pessoas jovens ou até crianças negligenciadas, restando-lhes apenas o acolhimento das equipes médicas.

No Hospital Regional da Asa Norte (Hran), estima-se que a cada mês um novo caso social seja registrado. Atualmente, há pelo menos três pacientes internados que nunca receberam visitas de familiares. Um deles é o ajudante de pedreiro Antônio Mariano da Silva, 55 anos. Em sua terceira internação — determinada por uma grave condição cardíaca que o impediu até mesmo de trabalhar —, ele já completou 20 dias de estadia no 5º

“

O TEMPO PASSARIA MUITO MAIS RÁPIDO SE TIVESSE ALGUÉM DO MEU LADO

Antônio Mariano da Silva,
pedreiro, há 20 dias no Hran

andar do prédio, localizado na 101 Norte.

Longe da família

Nesse período, os únicos telefonemas que recebeu foram de vizinhos que cuidam do barraco onde mora, na invasão do Jockey Club, próximo à Estrada Parque Taguatinga Guará (EPTG). Antônio passa por exames que vão definir como será o tratamento para diminuir o quadro de hipertensão arterial sistêmica e insuficiência cardíaca crônica. “Parece pouco, mas para quem está longe da família é muito tempo”, avalia a assistente social Hildete dos Reis Costa,

responsável pelo acompanhamento do paciente.

“O tempo passaria muito mais rápido se tivesse alguém do meu lado. Mas já me acostumei. Estou muito feliz de estar sendo tratado pelos médicos. É um privilégio”, resigna-se Antônio. Desde que veio para Brasília, há 12 anos, o pedreiro perdeu o contato com todos os parentes, que ficaram no Piauí. Do seu quarto, de frente para as amplas janelas que dão para o jardim interno do Hran, o pedreiro vê as horas passarem com paciência e esperança. “Estou muito confiante de que vou ficar curado em breve. Quero sair

para voltar a fazer minhas coisas, até trabalhar, se for possível”, confessa.

Enquanto espera, Antônio se conforma com a televisão instalada em seu quarto e com as eventuais conversas com os colegas de internação. Para ele, os piores momentos de morar em um hospital acontecem quando se vê diante do sofrimento dos companheiros. “A verdade é que todos estamos lutando pela nossa saúde, mas tem gente que não consegue resistir. Nessas horas bate uma tristeza...”, revela.

Para tentar diminuir a angústia desses internados, o Hran tem uma equipe multidisciplinar que presta assistência constante aos doentes. “É fato que a ausência de um parente, um familiar ou uma pessoa próxima do paciente, atrapalha a recuperação. É comum que possam sofrer com tristeza ou depressão. Por isso, além dos médicos, todos são acompanhados de perto por psicólogos, assistentes sociais e outros profissionais de saúde”, explica o diretor do hospital, Benedito Antônio de Souza.

Apoio

Na maioria dos casos, o serviço social das unidades de saúde consegue dar o suporte necessário a essas pessoas. Mais que isso, assistentes sociais chegam a localizar parentes em outros estados e apresentar os pacientes aos familiares, para que possam retomar o convívio. Quando isso não é possível, a situação dos internados é apresentada ao Ministério Público, que determina o destino deles.

Há 10 dias, Anderson Silva, 18, foi levado para a casa de uma voluntária, em Planaltina de Goiás, por determinação da Justiça. Ele passou um ano morando na enfermaria do Hran, pois nenhum familiar voltou para buscá-lo no hospital. Devido a um acidente, o jovem teve a medula lesionada e passou a andar de cadeira de rodas, mas precisava de cuidados especializados.

“Muitas vezes, os parentes não têm condições socioeconômicas para manter esses parentes em casa ou falta a estrutura necessária para lhes oferecer conforto. Por isso, acabam abandonando-nos nos hospitais”, resume a assistente social Hildete Costa.

Negligência também é crime

Especialistas da área de saúde avaliam que a origem do problema está no esfacelamento da estrutura familiar e se agrava com o despreparo da sociedade e do Estado para proteger os pacientes de baixa renda e os idosos, que são maioria entre os abandonados nos hospitais. A assistente social Hildete dos Reis Costa, que trabalha no Hran e é mestre em políticas públicas pela Universidade de Brasília (UnB), aponta três situações de distanciamento entre os pacientes e as famílias.

Na primeira, estão os

doentes que perderam totalmente o vínculo familiar. É o caso de Antônio Mariano. “Nesse caso, a ruptura com a família ocorre antes da internação. A presença familiar poderia dar mais conforto a esses pacientes, mas a maioria tende a passar sem problemas durante a permanência no hospital”, explica. Na segunda categoria, diz a especialista, estão pacientes que necessitam de cuidados especiais, como idosos e pessoas com algum tipo de deficiência, cujas famílias não têm condições financeiras ou estruturais. “É uma característica social do país que

acaba se repetindo dentro dos hospitais. Para mudar isso, seria preciso de uma mudança em toda a organização da sociedade. Cabe a nós acolher da melhor forma possível essas pessoas”, defende o diretor do Hran, o oftalmologista Benedito Antônio de Sousa.

Outro caso são as famílias que, mesmo de classes mais altas, rejeitam a condição do idoso ou do doente. Para Hildete Costa, trata-se do abandono velado. “É uma situação complexa, pois envolve todo o histórico familiar, os traumas, desgastes ou problemas

enfrentados por esses parentes”, avalia o especialista em gerontologia Vicente Faleiros, professor da Universidade de Brasília (UnB) e da Universidade Católica (UCB). Nesses casos, quando comprovada a negligência, o abandono pode virar caso de polícia. “O desrespeito ao idoso ou à pessoa com deficiência pode ser considerado crime, que pode chegar a três anos de prisão, mais multa”, revela o promotor de Defesa dos Direitos da Pessoa Idosa ou com Deficiência do Ministério Público do DF (MPDF), Vandir da Silva Ferreira. (AG)